



Análise da escrita de surdos universitários bilíngues e oralizados *Analysis of writing by bilingual speaking university deaf students*

Giselle MONTARROYOS¹

Edna Maria CAVALCANTI²

Wagner Teobaldo Lopes de ANDRADE³

Resumo: O presente artigo objetiva analisar o funcionamento da linguagem escrita de sujeitos surdos, sob a ótica do Interacionismo Brasileiro e, de forma secundária, analisar, comparativamente, a escrita do surdo oralizado e a do surdo não oralizado. Participaram da pesquisa quatro sujeitos surdos bilíngues (faziam uso da língua de sinais e língua portuguesa), de ambos os sexos, dos quais dois eram oralizados e dois eram não oralizados, estudantes de nível superior. O instrumento utilizado para análise foram recortes da escrita dos surdos nas avaliações das disciplinas de graduação. Observou-se que a estrutura da escrita dos surdos oralizados seguiu os padrões estabelecidos pela língua portuguesa, que prioriza os sistemas semânticos, sintáticos e fonológicos, enquanto que os surdos não oralizados tendem a ser influenciados pela Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Verificou-se que o funcionamento da escrita dos surdos segue, aparentemente, o mesmo padrão da escrita de ouvintes, ou seja, a língua usada pelos surdos na sua comunicação interpessoal (seja a língua portuguesa ou a de sinais) apresentou influência sobre a escrita. Desta forma, percebe-se a influência da fala (no caso dos surdos não oralizados, a LIBRAS) na sua produção escrita.

Palavras-chave: Escrita. Linguística. Surdez. Linguagem.

Abstract: Analysis of the functioning of four deaf people's written language under the Brazilian Interactionism point of view, and also a comparative study between writing skills of speaking deaf people. A sample was constituted by four bilingual deaf students (Sign Language and Portuguese users), both male and female and college students; two of them are able to speak while the other two are not. The research dealt with clippings of the academic papers written by the four of them. It was observed their writing structure followed the Portuguese language established patterns, prioritizing the semantic, syntactic and phonetic systems. On the other hand, the non-speaking ones tend to be influenced by the structure of the Brazilian Sign Language (LIBRAS) as demonstrated in their texts. The speaking of deaf student' written production follows the same standard of the hearing ones' writing: the language used by the deaf ones in their communication (using Portuguese or Sign Language) influence their writing. It is perceived an influence of speaking (or Sign Language) in the deaf students' written production.

Keywords: Writing. Deafness. Language. Linguistics.

¹ Fonoaudióloga. Especialista em Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco.

² Fonoaudióloga. Mestre em Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

³ Fonoaudiólogo. Professor do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Paraíba. Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba.

Introdução

O pressuposto utilizado neste trabalho é o de que o uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para fins comunicativos, por surdos não oralizados, é refletido na produção escrita desses sujeitos, visto que a escrita é caracterizada pela presença de marcas da estrutura linguística utilizada pelo indivíduo em sua comunicação com o outro, seja a língua portuguesa, seja a língua de sinais. A constatação dessa realidade despertou o interesse por estudos na área da escrita com surdos, considerando a importância desta modalidade linguística na prática social desses sujeitos.

A surdez não é apenas uma privação sensorial, nem suas consequências se limitam às dificuldades auditivas, mas se reflete também nos aspectos linguísticos, emocionais, educacionais, sociais e culturais (GOLDFELD, 2002). O surdo encontra dificuldades em seu processo de aprendizagem desde a infância e durante todo o seu desenvolvimento escolar e profissional, estando a superação destas dificuldades diretamente relacionada à motivação desse surdo em alcançar seus próprios objetivos.

Essas dificuldades, no entanto, não podem ser consideradas características da surdez, tendo em vista o fato de que é exigido do surdo o domínio de uma língua arduamente adquirida por ele: a língua padrão do país (no caso do Brasil, a língua portuguesa), desenvolvida naturalmente pelos ouvintes. Vários estudos defendem que o português escrito é um importante recurso na educação do surdo, assim como a LIBRAS, que veio para facilitar o processo de comunicação do sujeito surdo (SAMPAIO, 2004).

Apesar de muitos trabalhos apontarem para o “fracasso da escrita” em relação ao surdo, o texto escrito pode ser um recurso importante como fonte de informação e conhecimento, motivo pelo qual se buscam melhores caminhos à sua efetivação (BALIEIRO; GALLO, 2003).

Diante disto, percebe-se a importância de um estudo linguístico envolvendo a escrita de surdos, especialmente sob o ponto de vista do Interacionismo Brasileiro, corrente teórica que percebe a linguagem sob o viés do seu funcionamento, com o objetivo de compreendê-la e não tomá-la como “errada” ou “diferente” (SAMPAIO, 2004).

Um dos princípios básicos do Interacionismo de Cláudia de Lemos (1999a, 1982, 1999b) é a valorização da interação com o outro, sendo esta condição primordial para o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem. O papel do outro (que, na perspectiva da Análise do Discurso, é o interlocutor e o discurso) é muito importante, pois ele é quem vai dar sentido e interpretar não só a fala, mas também a escrita da criança, ressignificando os textos por ela produzidos.

Quando não há essa interação ou a intervenção do outro na linguagem da criança, ela vai funcionar de forma aberta. A atribuição de sentido aos significantes da criança pela mãe, em um momento posterior, vai gerar efeito na fala, que irá incorporar os fragmentos da fala da genitora, deslizando, assim, no eixo metonímico. No eixo metafórico, esse deslizamento começa quando a criança seleciona, dentre vários significantes (palavras), um significante possível para uma determinada situação discursiva. Assim também é com a escrita: quando o adulto alfabetizado dá sentido à escrita da criança ela também vai se constituindo enquanto sujeito, incorporando fragmentos de textos a que tem acesso. Na escrita, assim como acontece na fala, a criança também vai incorporar fragmentos (escritos) produzidos pelo outro, e, por isso, é necessário que o outro dê sentido aos escritos da criança, para que assim se inicie o processo de autoria na linguagem escrita (CAVALCANTI, 2001; SAMPAIO, 2004).

Segundo Andrade (2007), o surdo apresenta dificuldades no processo de escolarização relacionadas ao não domínio da língua padrão do país e à dificuldade de comunicação com os professores. Desta forma, a inserção deste sujeito em classes especiais para surdos ou a existência de um intérprete na sala regular podem minimizar tais problemas. Já a dificuldade em escrever, em geral, também é atribuída ao fato de que o surdo, em geral, não domina a língua portuguesa e, conseqüentemente, não possui a mesma habilidade de ouvintes na produção de textos.

É de conhecimento público que o acesso à educação é difícil e seletivo e, se já o é para as pessoas ditas “normais”, em função da grande concorrência na disputa de reduzido número de vagas, para aqueles que necessitam de uma educação especial as dificuldades são ainda maiores (RINALDI, 1998).

Atualmente, autores (SAMPALIO, 2004, 2007; ANDRADE, 2007) têm preconizado que, para se analisar a escrita do surdo, devem ser considerados os aspectos semânticos e pragmáticos, e não apenas os aspectos formais da Língua Portuguesa (RINALDI, 1998). Considerando o nível superior, o ideal seria que as faculdades se estruturassem de forma a viabilizar o acesso dos portadores de necessidades educativas especiais à educação superior, bem como dar condições a esse alunado de permanecer em seus cursos, envolvendo-os em projetos de extensão e oferecendo intérprete de LIBRAS, pois os professores das disciplinas, assim como os alunos ouvintes, em geral, não dominam esta língua (MANENTE; RODRIGUES; PALAMIN, 2007).

A chegada do surdo ao ensino superior é, antes de qualquer coisa, uma vitória diante das adversidades que enfrenta em sua trajetória escolar e do baixo índice deles nesta fase de ensino. Mudanças significativas, no entanto, estão ocorrendo na política educacional nos últimos anos. Uma delas se refere

à regulamentação da inserção gradativa da LIBRAS como componente curricular obrigatório em todos os cursos de licenciatura (FONSECA, 2003).

O processo de aquisição da escrita em crianças ouvintes se dá de forma natural, visto que estas têm a oportunidade de vivenciar a língua portuguesa em sua modalidade textual, através de livros infantis, jornais e da exposição a fragmentos de escrita informal, como recados e bilhetes (CAVALCANTI, 2001; COSTA, 2002; SAMPAIO, 2004).

Já a aquisição de escrita em criança surda se dá de forma mais difícil, visto que ela não adquiriu as estruturas da língua oral e não domina a língua em que esta escrita é produzida (língua portuguesa). Para que a criança surda se aproprie da língua escrita deve-se lhe oferecer oportunidade de estar em contato com a língua escrita para desenvolvê-la da forma mais natural possível (CAVALCANTI, 2001; COSTA, 2002; SAMPAIO, 2004).

Confirmando isto, Cavalcanti (2001) traz recortes de produções espontâneas de uma criança surda em processo de escolarização, mostrando a boa relação que esta criança tem com a escrita, pois desde cedo viveu cercada pelas letras. Objetiva-se aqui se afastar das concepções que veem a escrita do surdo como diferente e procurar entender essa escrita como um processo simbólico, que se constitui a partir da interação com o outro, observando também que a oralidade interfere nessa escrita e facilita a movimentação da linguagem nos eixos metafórico e metonímico.

As crianças surdas, que geralmente não têm domínio da oralidade e usam a língua de sinais apresentam diferenças no processo de aquisição da escrita em relação às crianças ouvintes. A estrutura da escrita dos surdos geralmente apresenta diferenças em relação à estrutura gramatical da língua portuguesa, pois ao invés de se apoiar na oralidade, como as crianças ouvintes, os surdos acabam tomando a referência da LIBRAS, transpondo os seus aspectos para a escrita. Por esta razão, as produções textuais dos surdos são tidas como “anormais” ou “atípicas” no contexto escolar (CAVALCANTI, 2001; MUNHOZ *et al.*, 2007).

Algumas diferenças são marcantes entre a língua oral e a de sinais. A língua de sinais é uma língua de modalidade viso-gestual (SANTOS; DIAS, 1998) e não oral-auditiva, um sistema linguístico independente do sistema de línguas orais (QUADROS, 1997), e possui uma estrutura que permite a expressão de qualquer conceito (descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato) (BRITO, 2004; FELIPE, 2004).

A escrita dos surdos vem sendo estudada nas últimas décadas (TRENCH; BALIEIRO, 2004, 2006; BERBERIAN; BORTOLOZZI; GUARINELLO, 2006), a fim de se compreender melhor como se dá seu processo de aquisição e desenvolvimento, especialmente em função da língua

utilizada por eles para a comunicação interpessoal. A língua de sinais, no entanto, vem adquirindo um espaço bastante significativo, e seu papel deve ser reafirmado no processo de construção de conhecimento do sujeito surdo (SIQUEIRA; MONTEIRO, 2006; CAMPANATTI-OSTIZ; ANDRADE, 2005a, 2005b).

A fim de tentar responder algumas destas, e possivelmente levantar outras questões, este estudo tem como objetivo analisar a produção textual de sujeitos surdos bilíngues universitários, identificando o funcionamento da escrita desses sujeitos surdos e comparando a escrita dos surdos oralizados e não oralizados. Para tal, o estudo está fundamentado no Interacionismo Brasileiro, enfatizando os papéis do outro (BERBERIAN; BORTOLOZZI; GUARINELLO, 2006) na construção do processo de desenvolvimento da escrita.

Métodos

O presente estudo, que apresenta delineamento descritivo, observacional e transversal, de cunho qualitativo, foi realizado com quatro sujeitos surdos bilíngues, dois oralizados e dois não oralizados, que estão cursando o ensino superior em universidades privadas das cidades de Recife e Olinda (PE).

O sujeito A é não oralizado, do sexo masculino, tem 27 anos de idade e apresenta diagnóstico de surdez de grau profundo bilateral, devido a rubéola durante o período gestacional. Realizou terapia fonoaudiológica na infância e usa prótese auditiva binaural (nas duas orelhas), porém, quando começou a aprender LIBRAS, aos 14 anos, começou a rejeitar as próteses auditivas. Atualmente, está cursando o 8º semestre do curso de Pedagogia em uma faculdade privada da cidade de Olinda/PE.

O sujeito B é não oralizado, do sexo feminino, tem 38 anos de idade, apresenta diagnóstico de surdez de grau profundo bilateral, também devido a rubéola no período gestacional, e possui histórico familiar de surdez. Aprendeu a LIBRAS desde a infância, fez terapia fonoaudiológica por pouco tempo (não soube precisar quanto), mas não faz uso de próteses auditivas. Utiliza principalmente a LIBRAS para a comunicação interpessoal e, atualmente, está cursando o 6º semestre do curso de Pedagogia em uma faculdade privada da cidade de Olinda/PE.

O sujeito C é oralizado, do sexo feminino, tem 23 anos de idade e apresenta diagnóstico de perda auditiva de grau severo bilateral. Apresentou perda auditiva progressiva a partir dos seis anos de idade, até quando teve o desenvolvimento de linguagem oral dentro dos padrões de normalidade. Usa

prótese auditiva nas duas orelhas e não faz uso de LIBRAS ou outros gestos para se comunicar. Atualmente, está cursando o 8º semestre do curso de Fonoaudiologia em uma universidade privada da cidade de Recife/PE.

O sujeito D é oralizado, do sexo masculino, tem 27 anos de idade e apresenta diagnóstico de perda auditiva de grau severo bilateral. A família suspeita que uma medicação ministrada logo após o nascimento foi a causa da surdez. Faz uso de próteses auditivas nas duas orelhas e está aprendendo a LIBRAS, porém ainda sabe pouco e não a utiliza para se comunicar. Atualmente, está cursando o 2º semestre do curso de Administração de Empresas em uma faculdade privada da cidade de Recife/PE.

O instrumento utilizado para análise foi o recorte da escrita dos sujeitos nas suas avaliações das disciplinas de graduação. Posteriormente, foi feita uma análise comparativa entre a escrita do surdo oralizado e a escrita do surdo não oralizado.

A utilização dos dados foi autorizada pelos participantes que assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, esclarecendo todos os aspectos que envolvem sua participação e garantindo o anonimato. Além disso, o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), sob o protocolo número 102/2005.

A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa, a partir dos pressupostos do Interacionismo Brasileiro.

Resultados

Analisando a produção textual do sujeito A (avaliação da disciplina “Introdução ao Ensino do Excepcional”), dentro da abordagem interacionista brasileira, é possível de ser interpretada e identificada uma possível influência da LIBRAS, no momento em que ele diz:

As crianças, jovens e adultos deficientes podem aceitar integração para entrar escolas regulares com facilidades especiais, podem integrar-se em classes normais: rampas, espaços e outros.

É observado que ele opera no eixo metafórico quando põe em evidência os significantes “aceitar” e “integração”.

Em outro momento da avaliação, o sujeito A produz o seguinte texto:

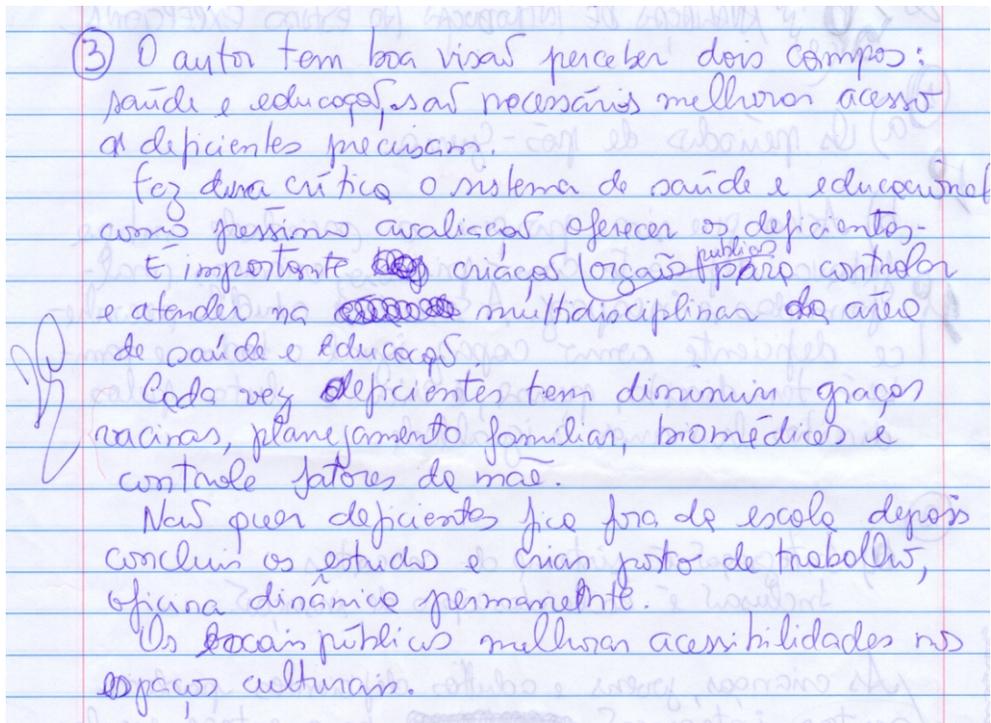


Figura 1: Produção escrita do sujeito A.

Neste texto, se fosse realizada uma análise tradicional, sob o ponto de vista da adequação sintática, tomando a escrita do surdo como “errada”, ter-se-ia o seguinte texto:

O autor tem **uma** boa visão **por** perceber dois campos: Saúde e Educação, **que** são necessários **para** melhorar o acesso **que** os deficientes **precisam**. Fez dura crítica **ao** sistema de saúde e educacional como **uma** péssima avaliação **para** oferecer aos deficientes. É importante **a** criação **de** órgãos públicos **multidisciplinares na área de saúde e Educação para atender as necessidades**. Cada vez **mais o número de** deficientes tem **diminuído** graças **às** vacinas, planejamento familiar, biomédicos e controle **de** fatores **de** risco da mãe. **O autor** não quer **que** os deficientes **fiquem** fora da escola, depois **que** concluir os estudos **tem que** criar postos de trabalho, oficina dinâmica permanente. **Os** locais públicos **têm que** melhorar a acessibilidade nos espaços culturais.

No entanto, analisando esta produção textual dentro da abordagem do Interacionismo Brasileiro, que toma a linguagem a partir do seu funcionamento, percebe-se o deslizamento nos eixos metafóricos e metonímicos da linguagem. Quando apresenta: “*O autor tem boa visão...*” ao invés de “*O autor tem **uma** boa visão*”, o sujeito A opera no eixo metafórico ao omitir o significante “*uma*” e ao substituir o significante “*fiquem*” por “*fica*”, além das omissões de artigos “*uma*”, “*as*”, “*a*” etc.

O sujeito B, a partir de um texto explicativo sobre a importância da avaliação no método de aprendizagem, e tendo como referência a visão dos avaliados sobre esse método, foi solicitado a justificar a visão destes (avaliados) com, no mínimo, dois argumentos. A resposta foi fornecida com o seguinte texto: “*Os alunos não gostam estudar porque é ruim também muito difícil, eles estão raiva professores falam precisar e estudar*”.

A análise da estrutura gramatical (tradicional) faria com que fosse verificada omissão de alguns significantes: “*Não gostam **de** estudar*”; “*É também muito difícil*” e “*eles **estão com raiva dos** professores, **pois** falam **que** **precisam** estudar*”.

O sujeito C respondeu a uma pergunta que teve uma breve introdução sobre a influência das áreas afins sobre a Fonoaudiologia e é solicitado a explicar com detalhes quais as contribuições da Linguística para a Fonoaudiologia. O sujeito produz o seguinte texto:

A Linguística é uma área extremamente importante para a Fonoaudiologia, porque para estudar algumas patologias tem que se ter um amplo conhecimento da linguagem. Podemos dizer que a Fonoaudiologia está preocupada com a língua e a linguagem, principalmente com os sistemas fonético (os sons falados), o fonológico (as funções dos sons), o morfológico (a formação das palavras), o semântico (os significados), o sintático (a estrutura das palavras), o pragmático (está preocupado com o uso) e o prosódico (o ritmo da fala).

Na palavra que deveria ser escrita “prosódico”, ela escreve “prosático”, operando no eixo metafórico, quando substitui um significante por outro.

De acordo com as regras gramaticais do português brasileiro, este texto está absolutamente adequado, além de o sujeito ter conseguido expressar seu pensamento de forma clara, objetiva e atendendo com precisão ao que lhe foi solicitado na prova. Pode ser visto que este sujeito se apropria da linguagem, não tendo dificuldade com a escrita, deslizando nos eixos metafóricos e metonímicos da cadeia manifesta.

As produções textuais do sujeito D se referiram a provas das disciplinas de “Direito Empresarial” e “Teorias da Administração”. Nos dois textos,

percebe-se que o sujeito está deslizando nos eixos de funcionamento da linguagem. No primeiro texto, foi pedido que o sujeito falasse sobre a empresa individual e a sociedade empresária:

A empresa individual é ativa economicamente de forma organizada e tem o registro com o nome do proprietário (titular – individual) apenas ele responde pelos atos da empresa. Já a sociedade empresária conta com sócios que responde solidariamente e ilimitadamente *ou* (grifo do participante) ou com limitações. Alguns tipos de sociedades todos são responsáveis e outras sociedades apenas sócios designados como responsável responde pelos seus atos (sociedade adquire personalidade).

De forma semelhante ao sujeito C, o sujeito D apresenta um texto adequado em relação às regras gramaticais do português brasileiro e conseguiu expressar seu pensamento de forma clara, objetiva e atendendo com precisão ao que lhe foi solicitado na prova. Percebe-se que este sujeito também apresenta apropriação da linguagem escrita e desliza com facilidade nos eixos metafóricos e metonímicos.

Já no segundo texto, o sujeito define com clareza as funções básicas da empresa e as funções da administração, contemplando a questão de forma clara e objetiva.

Discussão

As omissões e substituições realizadas pelo sujeito A claramente sofrem influência da LIBRAS, em cuja gramática um sinal pode ser traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa (CAVALCANTI, 2001), o que faz o texto desse sujeito ficar “fragmentado”, ou seja, dá a ideia de estar faltando pedaços. Porém, de modo geral, observa-se que o sujeito A desliza nos eixos de funcionamento da linguagem, não comprometendo o sentido do texto quando omite e/ou substitui.

As omissões e substituições de artigos e preposições apresentadas pelo sujeito B, de forma semelhante, não chegam a comprometer o significado do texto e indicam que este sujeito opera no eixo metafórico da linguagem, além de indicarem a combinação dos significantes selecionados, permitindo, assim, a compreensão do texto. Os significados selecionados ganham sentido através do outro, já assujeitado pela linguagem, podendo, dessa forma, ocupar o lugar de intérprete (MANENTE; RODRIGUES; PALAMIN, 2007).

Observou-se, nos textos dos dois sujeitos que fazem o uso da LIBRAS, a transferência da estrutura gramatical desta língua para a escrita, o que acontece

durante o processo de aquisição de todas as línguas não maternas.

Os sujeitos C e D, no entanto, mostraram maior apropriação da escrita, deslizando com facilidade nos eixos metafóricos e metonímicos da linguagem, tendo um bom domínio da estrutura do português escrito e não encontrando dificuldades para escrever.

Deve-se ressaltar, no entanto, que estes dois sujeitos possuem perda auditiva de grau severo e um deles (sujeito C) apresentou audição normal até os seis anos de idade, o que possivelmente facilitou o seu acesso à modalidade escrita da língua a partir do conhecimento que já apresentava sobre o português oral. A idade em que a surdez se instala e a gravidade do distúrbio são fatores críticos para se determinar o desenvolvimento das habilidades comunicativas da criança (LEYBAERT; D'HONDT, 2003), desta forma, quanto mais cedo esta surdez ocorrer e quanto maior o seu grau, maiores serão os seus efeitos no desenvolvimento da fala e da linguagem do indivíduo (JAMIESON, 1999).

A produção escrita dos participantes deste estudo faz refletir sobre duas premissas defendidas na literatura: a de que o surdo, na leitura e escrita, utiliza codificações viso-espaciais e não correspondência grafonêmica (CAPOVILLA; CAPOVILLA; SUITER, 2004, GAUSTAS, 2003; FLAHERTY; MORAN, 2004) e a de que o surdo desenvolve sensibilidade fonológica em processos de leitura e escrita (AKAMATSU; STEWART; BECKER, 2003; MAYER; AKAMATSU, 2000; SUTCLIFFE; DOWKER; CAMPBELL, 1999).

Estas premissas são compatíveis com estudos que abordam a possibilidade de os surdos construírem a sua escrita utilizando estratégias visuais, e não recursos fonológicos (FÁVERO; PIMENTA; PACIFICI, 2007).

Percebeu-se que os sujeitos A e B utilizam a própria língua de sinais como base de suas construções na segunda língua. Além disso, estes sujeitos tendem a usar estratégias da sua própria língua para escrever alternando, em suas produções escritas, ora a estrutura do português, ora a estrutura da LIBRAS (MANENTE; RODRIGUES; PALAMIN, 2007).

Estes achados corroboram estudos (RINALDI, 1998; CAVALCANTI, 2001; SAMPAIO, 2004) que analisaram as produções textuais de crianças surdas e observaram que aqueles surdos que tinham como primeira língua a língua oral deslizavam com mais facilidade nos eixos metafóricos e metonímicos da linguagem do que aqueles que usavam a LIBRAS. Apesar das inadequações sintáticas apresentadas por alguns sujeitos, os surdos podem produzir textos com clareza, coesão e coerência na expressão de ideias (SANTOS; DIAS, 1998).

As produções escritas de sujeitos surdos apontam para hipóteses

semelhantes àquelas observadas em ouvintes: há os surdos que escrevem como falam (assim como os ouvintes o fazem) e surdos que realizam estruturas frasais próximas da língua de sinais (COSTA, 2002), ou seja, com características como o uso de poucos artigos e não flexão verbal.

A evolução da apropriação da escrita pelos surdos se caracteriza por construções fortemente dependentes do contexto mediato, em que predominaria a língua de sinais (ou construções mais próximas da “fala” dos surdos), até construções menos dependentes e mais próximas do português escrito (mais autônomas da “fala”)(COSTA, 2002).

Pôde-se perceber que há um movimento na escrita desses surdos, que a língua está fazendo efeito na escrita e que cada escrita é singular e está inscrita no sujeito, pois eles estão em constante processo de elaboração de sua escrita, à medida que têm contato com novos textos e vão aprimorando suas produções textuais (CAVALCANTI, 2001).

É preciso levar em consideração o histórico dos participantes, visto que os sujeitos A e B são surdos congênitos, têm surdez de grau profundo, não fazem o uso de prótese auditiva para estimular a audição e se comunicam essencialmente pela LIBRAS. Já os sujeitos C e D perderam a audição depois do nascimento (apesar de um deles ter ficado surdo possivelmente ainda no primeiro mês de vida), têm surdez de grau severo, usam prótese auditiva nas duas orelhas, fizeram fonoterapia e se comunicam oralmente, o que faz a escrita desses sujeitos estar mais próxima do padrão exigido pelo português brasileiro, uma vez que eles têm o apoio da oralidade e, conseqüentemente, um maior conhecimento sobre a estrutura da língua portuguesa.

Considerações finais

Os surdos oralizados apresentaram uma escrita dentro dos padrões estabelecidos pela língua portuguesa, que prioriza os sistemas semânticos, sintáticos e fonológicos, enquanto que os surdos não oralizados apresentaram influência da estrutura da língua de sinais sobre o texto na língua portuguesa. Esta influência, que pode ser erroneamente interpretada como “erro”, é, na realidade, parte do processo de aquisição e desenvolvimento de uma outra língua.

Os dados sugerem, portanto, que o funcionamento da escrita dos surdos segue, aparentemente, o mesmo padrão da escrita de ouvintes, ou seja, a língua usada pelos surdos na sua comunicação interpessoal (seja a língua portuguesa ou a de sinais) apresentou influência sobre a escrita. Desta forma, percebe-se a influência da fala (no caso dos surdos não oralizados, a LIBRAS) na sua produção escrita.

Diante desta conclusão, os professores e reabilitadores do surdo não

devem interpretar a escrita desses sujeitos como alterada, como algo que precisa ser corrigido. É nesta abordagem que entende o sujeito como singular e autor de seu discurso, que se deve ver também a escrita como singular, pois, se o sujeito está inscrito no seu discurso e esse sujeito é singular, sua escrita também o é.

Desta forma, espera-se contribuir para a redução do preconceito linguístico em relação à escrita do surdo, desmistificando-a como uma escrita “errada”, proporcionando aos surdos uma melhor comunicação com o mundo letrado.

Referências

AKAMATSU, C.T.; STEWART, D.A.; BECKER, B.J. Documenting English syntactic development in face-to-face signed communication. **American Annals of the Deaf**. Washington, v. 145, n. 5, p. 452-463. 2003.

ANDRADE, W.T.L. **A relação entre oralidade e escrita em língua portuguesa no surdo**. 2007. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2007.

BALIEIRO, C.R.; GALLO, S.L. Escrita e surdez: uma proposta discursiva. *In*: BERBERIAN, A.P.; MASSI, G.A.; GUARINELLO, A.C. (Org.) **Linguagem escrita: referenciais para a clínica fonoaudiológica**. São Paulo: Plexus, 2002. p. 93-109.

BERBERIAN, A.P.; BORTOLOZZI, K.B.; GUARINELLO, A.C. Recurso terapêutico fonoaudiológico voltado à linguagem escrita do surdo: o software “surdo aprendendo em silêncio”. **Distúrbios da Comunicação**. São Paulo. v. 18, n. 2, p. 189-199, ago. 2006.

BRITO, L.F. Língua brasileira de sinais: LIBRAS. **Revista da Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo**. v. 10, p. 13, fev. 2004.

CAMPANATTI-OSTIZ, H.; ANDRADE, C.R.F. de. Periódicos nacionais em Fonoaudiologia: caracterização estrutural. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**. São Paulo, v. 10, n. 3, p. 147-154. 2005.

CAMPANATTI-OSTIZ H.; ANDRADE CRF de. Periódicos nacionais em fonoaudiologia: caracterização de termos. **Fonoaudiologia Brasil**. Curitiba, v. 3, n. 2, p. 1-4, abr./jun.2005.

CAPOVILLA, A.G.S.; CAPOVILLA, F.C.; SUITER, I. Processamento cognitivo em crianças com e sem dificuldades de leitura. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 9, n. 3, p. 449-458, 2004.

CAVALCANTI, E.M.S. **A escrita de uma criança surda**: uma análise alternativa. 2001. 98 f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

COSTA, D.A.F. Um novo olhar sobre a singularidade: compreendendo a gênese da escrita em aprendizes surdos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 8, n. 1, p. 75-92, jan. 2002.

LEMONS, C.T.G. de. International processes in the child's construction of language. *In*: DEUTSCH, W. (Org.) **The child's construction of language**. Londres: Academic Press, 1999. p. 57-76.

_____. Processos metafóricos e metonímicos: seu estado descritivo e explicativo na aquisição da língua materna. **Boletim da ABRALIN**. v. 3, p. 80-96, 1982.

_____. Sobre a aquisição de linguagem. **Boletim da ABRALIN**. v. 3, p. 97-126. 1999.

FÁVERO, M.H.; PIMENTA, L.M.; PACIFICI, R.M. Produção e compreensão do texto escrito: um estudo junto a surdos universitários. **Interação em Psicologia**. Curitiba, v. 11, n. 1, p. 27-42. 2007.

FELIPE, T.A. Introdução à gramática de LIBRAS. **Revista da Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo**. v. 10, p. 14, fev. 2004.

FLAHERTY, M.; MORAN, A. Deaf signers who know Japanese remember words and numbers more effectively than deaf signers who know English. **American Annals of the Deaf**. Washington, v. 149, n. 1, p. 39-44. 2004.

FONSECA, V. Integração de estudantes portadores de deficiência auditiva no ensino superior: alguns dados de caracterização e de intervenção. **Espaço Informativo Técnico-Científico do INES**. v. 13, p. 38-47. 2003.

GAUSTAS, M.G. Morphographic analysis as a word identification strategy for deaf readers. **Deaf Studies and Deaf Education**. Cary, v. 5, n. 1, p. 60-80. 2003.

GOLDFELD, M. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

JAMIESON, J.R. O impacto da deficiência auditiva. *In*: KATZ, J. (Ed.) **Tratado de audiologia clínica**. 4. ed. São Paulo: Manole, 1999.

LEYBAERT, J.; D'HONDT, M. Neurolinguistic development in deaf children: the effect of early language experience. **International Journal of Audiology**, Hamilton, v. 42, n. 1, Suppl 1, p. 34-40, jul. 2003.

MANENTE, M.V.; RODRIGUES, O.M.R.; PALAMIN, M.E.G. Deficientes auditivos e escolaridade: fatores diferenciais que possibilitam o acesso ao ensino superior. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v. 13, n. 1, p. 27-42, abr. 2007.

MAYER, C.; AKAMATSU, C.T. Deaf children creating written texts: contributions of American Sign Language and signed forms of English. **American annals of the deaf**. Wisconsin, v. 145, n. 5, p. 394-403, dec. 2000.

MUNHOZ, C.M.A. *et al.* Análise da produção científica nacional fonoaudiológica acerca da linguagem escrita. **Pró-Fono**. São Paulo, v. 19, n. 3, p. 249-58. 2007.

QUADROS, R.M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RINALDI, G. **Educação especial**: Língua Brasileira de Sinais. Brasília: MEC/SEESP, 1998.

SAMPAIO, M.J.A. **A escrita de surdos universitários vista sob o enfoque da teoria interacionista em aquisição de linguagem**. 2004. 45 f. Monografia (Especialização em Patologias da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2004.

SAMPAIO, M.J.A. **A construção de textos na escrita de surdos**: estratégias do sujeito na transição entre sistemas linguísticos. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

SANTOS, L.H.M.; DIAS, M.G.B.B. Compreensão de textos em adolescentes surdos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 14, n. 3, p. 249, set/dez. 1998.

SIQUEIRA, C.L.O.; MONTEIRO, M.I.B. A relação entre a Fonoaudiologia e a escola: reconstruindo possibilidades. **Distúrbios da comunicação**. São Paulo, v. 18, n. 2, p. 259-268, ago. 2006.

SUTCLIFFE, A.; DOWKER, A.; CAMPBELL, R. Deaf children's spelling: does it show sensitivity to phonology? **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**. Cary, v. 4, n. 2, p. 111-123. 1999.

TRENCHÉ, M.C.B.; BALIEIRO, C.R. A escrita e prática fonoaudiológica com crianças surdas/deficientes auditivas. **Distúrbios da Comunicação**. São Paulo. v. 16, n. 2, p. 175-80, ago. 2004.

TRENCHÉ, M.C.B.; BALIEIRO, C.R. Da escrita à fala: indícios da presença da escrita no discurso da criança surda. **Distúrbios da Comunicação**. São Paulo. v. 18, n. 1, p. 95-102, abr. 2006.



Recebido em: 08/06/2012

Aprovado em: 26/06/2012

Para referenciar este texto:

MONTARROYOS, Giselle; CAVALCANTI, Edna Maria; ANDRADE, W, T. de. Análise da escrita de surdos universitários bilíngues e oralizados. **Lumen**, Recife, v. 21, n.1, p. 55-69, jan./jun.2012.